

CENTRO DE ESTUDOS MULTICULTURAIIS

PÓS-GRADUAÇÃO EM PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA

**O PAPEL DA LÍNGUA MATERNA NA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA
LÍNGUA: O Caso da Língua Caboverdiana (breve abordagem gramatical)**

Centro de Estudos Multiculturais

Ana Josefa Gomes Cardoso

Novembro de 2005

ÍNDICE

Introdução	3
A Gramática da Língua Caboverdiana – Breve abordagem.....	3
A Interferência do Caboverdiano na Aquisição do Português.....	10
Conclusão.....	16
Bibliografia.....	16



INTRODUÇÃO

A comunidade caboverdiana representa a maior minoria linguística existente em Portugal. O caboverdiano e o português são duas línguas que caminham lado a lado tanto para os residentes em Cabo Verde como para aqueles que escolheram Portugal para viver.

Como sabemos, o caboverdiano é um crioulo de base lexical portuguesa, e, apesar destas duas línguas terem muitos pontos comuns, há um vasto leque de pontos divergentes.

Com este trabalho tento fazer uma breve abordagem à gramática caboverdiana e às interferências mais comuns que ocorrem do contacto entre estas duas línguas, realçando a importância da língua materna na aquisição de uma segunda língua.

A GRAMÁTICA DA LINGUA CABOVERDIANA – Breve abordagem

Não é minha intenção fazer uma descrição exaustiva da Gramática da Língua Caboverdiana, contudo, parece-me ser importante fazer uma breve abordagem, sobretudo dos aspectos morfo-sintáticos, que permita compreender melhor o modo de funcionamento desta língua e entender como surgem alguns “erros” no processo de aquisição da língua portuguesa motivados pelas interferências linguísticas, que mais à frente são focados.

Esta abordagem é feita com base em estudos e publicações várias de linguistas e estudiosos especializados nesta matéria, nomeadamente Baltasar Lopes da Silva, Dulce Almada, Manuel Veiga, Eduardo Cardoso, Jürgen Lang, Dulce Pereira, Fernanda Pratas, Nicolas Quint-Abrial, Marlyse Baptista. Recuando um pouco mais, pode-se referir, A. de Paula Brito, Adolfo Coelho e Pedro Cardoso.

Antes de abordar os aspectos morfo-sintáticos, vou realçar alguns aspectos do ponto de vista fonológico que me parecem importantes para a compreensão dos interferências fonéticas.

É sabido que muitos fonemas da língua portuguesa são idênticos ou aproximam-se dos fonemas do crioulo caboverdiano como afirma Veiga(1999). O que naturalmente acontece pelo facto de a maior parte do léxico ter a sua origem no português. Muitas palavras sofreram alterações tanto a nível fonético e fonológico, como a nível morfo-sintático e semântico. Nas palavras de Veiga (2002:8) “...os termos

podem ter a origem no português, mas tiveram uma actualização que nem sempre se coaduna com o sentido do radical. E se a isto acrescentarmos a reestruturação gramatical operada, concluiremos que o Ccv é um novo código. Novo pela sua fonética e fonologia, novo pela sua morfo-sintaxe e semântica.”

As palavras que se seguem sofreram alterações fonéticas em relação às palavras portuguesas que estão na sua origem, sobretudo na variante de Santiago que é a que mais se distancia do português.

As palavras *baka*, *berdi*, *basora*, (em português vaca, verde, vassoura) sofreram alterações, mas não criaram uma nova regra fixa, pois não é correcto dizer-se que o som /v/ passou a /b/ porque palavras como *vós*, *vulanti*, *verbu*, (em português voz, volante, verbo) vêm comprovar isso mesmo. Este caso corresponde àqueles em que consoantes e dígrafos admitem dupla realização, de acordo com o contexto dialectal, pois nas formas mais próximas do português é aceitável dizer-se *vaka*, *verdi* e *vasora*.

Palavras como *kabélu*, *kabésa*, *béku*, (em português, cabelo, cabeça, beco) deixaram de ser vogais fechadas e assumiram o /é/ aberto, enquanto que nas palavras como *bonéka*, *mizéria*, *géra* (em português boneca, miséria, guerra) o /é/ aberto mantém-se.

As palavras *ripitidu*, *pidinti*, *tilifoni*, (em português repetido, pedinte, telefone) também sofreram alterações substituindo o /e/ mudo por /i/ em Santiago. Em S. Vicente, este /e/ mudo é praticamente inaudível, pois ao pronunciar-se estas palavras parece que estas vogais desapareceram das palavras. Ouvindo-se, “*rptide*”, “*pdinte*”, “*tlfone*”.

O som /rr/ forte não se realiza em Santiago, usando-se apenas o /r/ fraco em todas as situações. Nas palavras *tera*, *mizéria*, *rua*, (em português, terra, miséria e rua) o som /r/ é sempre fraco, correspondendo ao som /r/ da palavra miséria. Na variante de S. Vicente há distinção entre estes dois sons.

Nas palavras *djustisa* e *mátxu* (em português, justiça e macho) temos os sons africados /dj/ e /tx/ que também se podem realizar nas formas mais próximas do português como /j/ (justisa) e /x/ (máxu). Relativamente ao caso do som /tx/, é uma transformação apenas aparente, porque este som proveio do “ch” do português quinhentista que assim se pronunciava e que no português moderno passou a ser representado pelo som /x/.

Tomando como referência Santiago, alguns ditongos sofreram reduções, mas não de forma sistemática. Assim temos caixa = *kaxa*, pai = *pai*; pau = *pó*, mau = *mau*;

beijo = *beju*, feijão = *fixon*; eucaristia = *okaristia*, , céu = *seu*; armário = *armari*, brio = *briu*; doido = *dodu*, boi = *boi*; cuidado = *kudadu*, gratuito = *gratuitu*.(Veiga ,2002).

Passando aos aspectos morfo-sintácticos, dou uma especial atenção aos nomes, adjectivos e verbos. Os aspectos que abordados em seguida referem-se sobretudo a Santiago, dado que há um maior número de estudos sobre esta variante, a comunidade caboverdiana residente em Portugal é maioritariamente de origem santiaguense e ainda o facto de dominar melhor esta variante.

A língua caboverdiana tende a minimizar o peso da morfologia gramatical em favor das relações sintagmáticas. Rege-se pela a lei do menor esforço, pela economia estrutural e pelo princípio da não redundância, prescindindo da realização dos morfemas sempre que a informação possa ser deduzida pelo próprio contexto quer seja ele cultural, situacional ou verbal. São estas mesmas características que determinam a falta de concordância em género e número.

A morfologia flexional é muito reduzida e regular. Os verbos não têm flexões de pessoa, número, nem modo e só admitem um sufixo temporal. Os pronomes e os determinantes têm apenas a flexão de número. Os nomes e os adjectivos apresentam flexão não obrigatória de género e número.

A morfologia derivacional realiza-se sobretudo pela sufixação que está mais aberta à constante importação do português.

Se estivermos a falar de olhos (*odju*), por exemplo, só teremos necessidade de marcar a forma singular, porque os olhos naturalmente existem em par e por isso a tradução de *odju* é olhos, inibindo assim o uso de alguma marca de plural. Na frase “*N tene dor na odju.*” cuja tradução é “Tenho dores nos olhos./ Doem-me os olhos.”, o plural é marcado pelo próprio contexto. Para colocarmos a frase no singular podemos por exemplo ,dizer “ *N tene dor na ... es odju* ou *kel odju li, odju skerda,...* (este olho /este olho , o olho esquerdo...).

Os nomes admitem a flexão em género, mas não é obrigatória. O género é marcado, basicamente pela oposição das terminações *-u* (masculino) – *a* (feminino).

Os nomes que mais recebem a marca de género são os que se referem a seres humanos e animais mamíferos. Exemplo:

tiu – tia (tio – tia), *donu – dona* (avô – avó), *alunu – aluna* (aluno – aluna), *porku – porka* (porco – porca), *báka – boi* (vaca – boi), *kabra – bodi* (cabra – bode).

Os animais não mamíferos, e em alguns casos, seres humanos não adultos, não recebem

marca de género e a diferenciação de sexo, faz-se por intermédio da justaposição da palavra *matxu* (macho) ou *fémia* (fêmea). Exemplo:

patu matxu (pato), *patu fémia* (pata)

mininu matxu ((menino) *mininu fémia* (menina)

A tradução da palavra *mininu* é criança que com a justaposição de *nobu* (novo), *mininu nobu* significa recém-nascido.

Os nomes que se referem a seres não animadas ou a vegetais são neutras quanto ao género e a sua terminação têm a ver com a forma portuguesa de que derivam. Exemplo: *pédra prétu* (pedra preta), *flor bunitu* (flor bonita), *káru nobu* (carro novo), *livru bedju* (livro velho).

Os adjectivos que variam em género são aqueles que fazem oposição pela terminação.

- u / - a . Exemplo:

altu /alta (alto /alta) *mudjer alta / ómi altu* (mulher alta / homem alto)

É também correcto dizer-se “*mudjer altu*”, uma vez que, a mulher sendo contextualmente do sexo feminino, prescinde de outros atributos para marcar o género.

Os pronomes, os artigos e os numerais não têm flexão de género. Exemplos.

un ómi, un mudjer (um homem, uma mulher)

kel alunu, kel aluna (aquele aluno, aquela aluna)

dos rapás, dos rapariga (dois rapazes, duas raparigas)

nha fidju (matxu), nha fidja (fidju fémia) (meu filho, minha filha)

A flexão de número aplica-se aos pronomes, artigos, nomes e adjectivos (apenas nas variedades mais próximas do português). Exemplo:

kel/ kes (aquele/aqueles), *un/uns* (um/uns), *otu/otus* (outro/outros), *ómi/ómis* (homem/homens), *bunitu/bunitus* (bunito /bonitos)

O plural é marcado pela justaposição de:

-s depois de uma vogal; Exemplo: *kasa /kasas* (casa/casas);

-is quando a palavra termina em consoante; Exemplo: *mudjer / mudjeris* (mulher/mulheres);

-s / -sis quando a palavra termina em vogal nasal. Exemplo *armun / armuns / armunsis* (irmão/irmãos).

Por aplicação do princípio da não redundância, sempre que um elemento do sintagma nominal é marcado quanto ao número, os restantes elementos dispensam essa

marcação. Por esse mesmo motivo, os adjectivos, não recebem marca de plural uma vez que surgem sempre depois do nome. Exemplos:

livrus (livros)

uns livru (uns livros)

kes livru (aqueles livros)

nhas livru (os meus livros)

kes livru burmedju (aqueles livros vermelhos)

txeu livru abertu (muitos livros abertos)

kuatu livru pikinóti (quatro livros pequenos)

No último exemplo, o numeral quatro é contextualmente plural e sempre que o determinante tem uma semântica de plural, inibe a presença de outras marcas de número.

Não existem na língua caboverdiana artigos definidos. Exemplo:

Kazaku branku é diméu. (O casaco branco é meu).

Saia prétu é di Lina. (A saia preta é da Lina).

A preposição *a* não existe e portanto, também não se realizam as contracções desta preposição. Exemplos:

N bai kasa di Lita. (Fui a casa da Lita.)

Onti N bai sinéma. (Ontem fui ao cinema.)

A preposição *em* e a sua contracção com os artigos definidos realizam-se em caboverdiano numa única forma, *na*. Exemplos:

N staba na kasa. (Eu estava em casa.)

El mora na Porto. (Ele mora no Porto.)

El partisipa na koridas. (Ele participou nas corridas)

As preposições *para* e *por* realizam-se da mesma forma, *pa*, ficando a preposição *por* sem possibilidade de contracção. Exemplos:

El bai pa kasa. (Ele foi para casa.)

El ka bai pa la. (Ele não foi por ali.)

El pasa pa jardin. (Ele passou pelo jardim.)

Os verbos não têm flexão de pessoa nem número e por isso obriga a presença do sujeito, não admitindo portanto um sujeito subentendido. Exemplo: *N kume un bolu.* (Comi um bolo.) Se omitirmos da frase o *N* (eu) não se sabe quem praticou a acção.

O radical dos verbos permanece inalterável se exceptuarmos as terminações *ba*, *du* e *da*.

O tempo, o modo e o aspecto são actualizados, na maioria dos casos não pelas terminações, como acontece no português, mas por morfemas predicativos como *ta*, *sa ta*, *al*, *ba*, *du da*. Exemplo:

verbu kume (vebo comer)

N kume, *bu kume*, *el kume*, *nu kume*, *nhos kume*, *es kume* (eu comi, tu comeste, ele comeu, nós comemos, vós comestes, eles comeram).

Realçando os morfemas predicativos temos então, *N ta kume* (como /comerei) dependendo do advérbio temporal, *N sa ta kume* (estou a comer), *N al kume* (hei-de comer/comerei/ devo comer), *N ta kumeba* (eu comia), *N kumeba* (eu tinha comido), *kumedu* (comeu-se) *kumeda* (comia-se). Nos dois últimos exemplos o sujeito é indeterminado, sendo portanto formas impessoais.

Antes do verbo *é* (ser) ocorrem as formas acentuadas do pronome pessoal sujeito (*Ami/mi*, *bo*, *el*, *nos*). Nos outros verbos ocorrem formas átonas como no verbo *kume* (comer). Vejamos a realização do Verbo Ser – É:

Ami/mi é, *bo é*, *el é*, *nos é*, *nhos é*, *es é* (eu sou, tu és, ele/ ela é, nos somos, vós sois, eles são).

As formas pronominais reflexas dos verbos existentes em português realizam-se de maneira diferente, em caboverdiano. Quando o contexto não as torna evidentes, formam-se justapondo as expressões “*kabésa*” para a reflexividade e “*kunpanheru*” para a reciprocidade.

Exemplo 1:

Manel labanta dés óra. (O Manuel levantou-se às dez horas).

N txoma Manel. (Eu chamo-me Manuel.)

Exemplo 2:

El ka ta da si kabésa valor. (Ele não se valoriza.)

El odja si kabésa na spedju. (Ele viu-se ao espelho.)

Exemplo 3:

Djuzé ku Maria beja kunpanheru. (O José e a Maria Beijaram-se.)

Es xatia ku kunpanheru. (Eles chatearam-se.)

Relativamente aos pronomes pessoais, convém realçar o uso do *el* (forma tónica)/-*l*(forma átona) correspondente a o, a, lhe, terceira pessoa gramatical, na sua forma de complemento. Este pronome segue sempre o verbo e é utilizado tanto para o complemento directo como para o complemento indirecto. Exemplo:

N da-l un bolu. (Eu dei-lhe um bolo.)

N kunpra-l na merkádu. (Comprei-o no mercado.)

N kunpra-l el pamódi éra sábi. (Comprei-lho (lhe+ o) porque era gostoso.)

Quando a forma verbal recebe o sufixo *ba*, o pronome pessoal assume sempre a forma tónica. Exemplo:

N ka ta kunpraba el el si N ka teneba dinhéru. (Eu não lho (lhe+o) comprava se não tivesse dinheiro.)

No que respeita aos aspectos estruturais, numa frase simples, declarativa, afirmativa, a ordem básica é: Sujeito – Verbo – Objecto. Exemplo:

Djon tra txapéu. (O João tirou o chapéu.)

Quando a frase têm dois objectos (complementos), um dos quais tem o papel de beneficiário ou locativo e o outro de objecto, a ordem é a seguinte:

Sujeito–Verbo– Beneficiário/Locativo – Objecto. Exemplo:

Maria kunpra Ntóni lápiz. (A Maria comprou o lápis ao António.)

Djuzé da katxor un pedrada. (O José deu uma pedrada ao cão.)

Contrariamente ao que acontece no português, os complementos indirectos *Ntoni* (ao António) na primeira frase e *katxor* (cão) na segunda frase são colocados antes do complemento directo *lápiz* (lápis) na primeira frase e *pedrada* (pedrada) na segunda frase.

A negação é feita com palavras como *náu*(não) para dar uma resposta imediata, *ka* (não) para tornar uma frase afirmativa em negativa, e ainda as palavras *nen* (nem), *ningen*(ninguém), *ninhun* (nenhum) *nunka/ tioxi*(nunca) , *náda* (nada), que são apoiadas pela partícula negativa *ka*. Exemplo:

- *Náu, N ka gosta di bolu.* (- Não, não gosto de bolos.)

Maria ka kunpra xinélu. (A Maria não comprou os chinelos.)

N ka ta kume bolu nen xukuláti (Não como bolos nem chocolates.)

N ka tene ninhun tiston (Não tenho nenhum tostão.)

N ka tene náda. (Não tenho nada.)

Ningen ka sta na kasa. (Ninguém está em casa.)

Kunka/tioxi N ka bai sinéma (Nunca fui ao cinema.)

Nos dois últimos exemplos temos duas partículas negativas em caboverdiano, para uma em português, *ningén ka* para ninguém e *nunka/ tioxi ka* para nunca, quebrando excepcionalmente a regra do princípio da não redundância.

No aspecto semântico, temos situações bastantes diversas em que os vocábulos e as expressões caboverdianas de origem portuguesa assumem significados completamente diferentes podendo induzir a erros de significado. Exemplo:

manhan “manhã” significa amanhã

galanti “galante” significa feio

mata kabésa “matar a cabeça” significa suicidar-se

ragála odju na kabésa “arregalar os olhos na cabeça” significa ficar espantado.

Esta breve abordagem gramatical, mostra claramente a complexidade da língua caboverdiana, e a sua diferença da língua portuguesa.

INTERFERÊNCIA DO CABOVERDIANO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS

Não se pode falar em interferência linguística colocando de parte a interferência cultural, se tivermos em conta que a língua é uma forma de expressão cultural e que o contacto entre línguas é também um contacto entre culturas.

Marques (2003: 251-263) refere a importância da cultura implícita na aquisição da língua não materna. Define a cultura implícita como “*A parte silenciosa da cultura : a dos comportamentos quotidianos, a dos códigos implícitos, a dos saberes partilhados pelos nativos de uma mesma cultura...*” e acrescenta que “*... toda essa dimensão invisível é um obstáculo para a comunicação.*”

As interferências linguísticas ocorrem sempre que há línguas em contacto. Por interferência ou transferência negativa entende-se o uso de uma regra ou padrão linguístico presente na primeira língua e transferido erradamente para a segunda língua. O facto de os bilingues, numa maneira geral, especializar as línguas de que dispõem consoante as situações de comunicação em que se encontra, faz com que intervenham vários parâmetros.

Segundo Leiria (1996:72-73) de acordo com as propostas de Chomsky (1956,1965) a aquisição de uma língua surge como uma “construção criativa” que atribui à criança a capacidade de criar e testar hipóteses e P. Corder (1967) alerta para a possibilidade de poder ocorrer a mesma situação na aquisição de uma segunda língua. Vários trabalhos de investigação afirmam que a aquisição da segunda língua é, nos seus aspectos cruciais, idêntica à da língua materna, no entanto os erros cometidos por aquele que aprende uma segunda língua adquirem um estatuto diferente, deixando de ser

hábitos a erradicar, passando a ser a evidência que apoia as hipóteses construtivas daquele que aprende.

No processo de aquisição de uma segunda língua há sempre interferências da língua materna, pois é frequente recorrer-se a ela para analisar os dados da nova língua, uma vez que a língua materna predomina o pensamento e tende a interferir nas línguas aprendidas em segundo lugar. Quando a língua alvo é aprendida apenas em contexto formal, como a escola, o fosso entre o domínio das duas línguas ainda é maior.

As interferências da língua materna na língua alvo ocorrem a todos os níveis da língua, sendo o lexical o mais frequente na medida em que tanto num pequeno elemento linguístico como o fonema, como num maior como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical. É necessário ter em conta que neste processo de aquisição há características no falar de um bilingue que não são explicáveis nem por interferência nem pela gramática da língua alvo, o que requer um extremo cuidado na interpretação dos dados linguísticos em situações de contacto de línguas. Estes casos podem ser imputáveis a universais linguísticos, depois de analisados e comparados com casos idênticos já testados em produtos de contacto entre outras línguas ou em línguas não sujeitas a contacto.

Durante o processo de aquisição de uma segunda língua, o indivíduo constrói um sistema novo baseado em hipóteses onde vai introduzindo modificações de acordo com as sucessivas aproximações à língua alvo, criando ele próprio uma gramática provisória entre as duas línguas, que vai avaliando e reformulando à medida que adquire novos dados, dando origem a diversas etapas da interlíngua, que Xavier e Mateus (1990:215) denominam como sendo “*cada uma das gramáticas construídas por um indivíduo no processo de aquisição de uma língua alvo.*” Neste processo de construção de hipóteses, o indivíduo, analisa os novos dados adquiridos com base nos seus conhecimentos linguísticos anteriores. No entanto, por vezes constrói regras que não têm origem no seu conhecimento da língua materna. Esta situação explica a ocorrência de alguns erros que não podem ser atribuídos nem à influência da língua materna, nem à língua alvo.

Thomason e Kaufman (1988) discutem a importância relativa dos factores linguísticos e sociológicos que favorecem ou bloqueiam a aquisição da língua alvo e ainda os graus de interferência que uma língua pode exercer sobre a outra hierarquizando-os em leve, moderado e forte (*light, moderate and heavy*). Consideram que os factores sociais são determinantes e condicionam a natureza do contacto linguístico quer em termos de extensão, quer em termos de resultado, de acordo com a

convivência social e as relações de força existente entre as comunidades e/ou entre as línguas e escrevem o seguinte: “...it is the social context, not the structure of the language involved, that determines the direction and the degree of interference, Turkish influenced Greek in Asia Minor because it was the Greek who were under cultural pressure and (therefore) the Greeks who became bilingual. Greek could not have influenced Turkish structurally ...no matter how much Greek structure might have favored such interference...” (p. 19).

Mota (1996:519) afirma que por análise de muitos casos, a relação verificada entre interferência leve, moderada e forte e a mudança decorrente do contacto, permite prever quais os elementos estruturais da língua alvo que serão modificados por influência da língua de origem e como exemplo refere que “se na ocorrência de interferência moderada ou forte qualquer elemento estrutural pode ser afectado, no caso de interferência leve são prioritariamente afectados traços que não implicam uma ruptura tipológica. Ou seja, se sob forte interferência pode haver ruptura tipológica, no segundo caso, as características tipológicas da língua alvo tendem a manter-se”.

Tendo em conta o nosso objecto de estudo, ousamos afirmar que os alunos caboverdianos residentes em Cabo Verde poderão ser enquadrados no grau de interferência forte ou moderado do caboverdiano sobre o português, e os alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal poderão ser enquadrados no grau leve, uma vez que o facto de estarem expostos constantemente à língua portuguesa (tendo acesso ao contexto formal e informal) lhes permite uma maior aproximação à língua alvo.

O empréstimo linguístico é o meio mais disponível e mais utilizado para aumentar o vocabulário. Neste contexto, a sua utilização é motivada pela necessidade de encontrar a palavra ou a estrutura correcta na língua alvo ou ainda pela convicção de que uma palavra emprestada da língua materna tem maiores possibilidades de exprimir uma determinada ideia ou conceito. Segundo Dubois(1973) “*Há empréstimo linguístico quando um sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia antes num sistema linguístico B e que A não possuía. A unidade ou o traço tomados como empréstimo são eles próprios chamados empréstimos*”. (Xavier e Mateus, 1990:140).

As interferências entre as línguas em contacto podem ocorrer nos dois sentidos e por vezes a língua materna sofre as influências da língua alvo pelo facto de os seus falantes julgarem que se tornam melhores falantes, por exemplo do caboverdiano, se o aproximarem o mais possível do português, quer em termos de estrutura, quer em

termos de vocabulário, , motivados pelo prestígio que esta língua beneficia. A propósito desta situação Tomé Varela da Silva (1998:114) alerta, numa resposta dada a alguém que afirmou que a sua comunicação proferida em crioulo estaria cheia de erros o seguinte: “*É ka nha kumunikason ki sta xeiu di éru, mas sin nha kistionador, óras ki el ta kunfundi strutura di kauberdianu ku strutura di purtuges, régras di kauberdianu ku régras purtuges. É ki régras di konkordansa na kiriolu ta distansia di purtuges sima séu di tera., tantu na nunbru komu na jéneru.*” (Não é a minha comunicação que está cheia de erros, mas sim o meu questionador, quando confunde a estrutura do caboverdiano com a estrutura do português, as regras do caboverdiano com as regras do português. É que as regras de concordância no crioulo distanciam-se do português como o céu da terra, tanto em número como em género.).

De acordo com Thomason e Kaufman (1998:37-57) as interferências caracterizam-se sobretudo pelo empréstimo e contaminação que podem ser de ordem fonológica, gramatical, lexical e semântica. As interferências podem ser fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas e até dialectais.

As interferências fonéticas ocorrem quando há transferência ou substituição de um fonema da língua de alvo por outro da língua de origem. Encontram-se em unidades e estruturas de entoação, ritmo e articulação. Os casos mais comuns detectáveis através da escrita são: a substituição do */R/* dobrado por */r/* (sobretudo em Santiago) e do */e/* mudo por */i/*.

Exemplo 1: *caregar, amarado, agarou, desamarasse* em vez da forma correcta em português *carregar, amarrado, agarrou, desamarrasse.*

Exemplo 2: *acriditou, simente, pidir, dimorou*, em vez da forma correcta em português *acreditar, semente, pedir, demorou.* ” A tradução para caboverdiano é *Kridita, simenti, pidi,(dimora)dura.*

As interferências morfológicas caracterizam-se sobretudo pela substituição das da funcionalidade das categorias gramaticais por outras semelhantes da língua de origem ou pela substituição das próprias regras gramaticais. Os casos mais frequentes são : a flexão verbal, a falta de concordância em género e número , a falta de uso dos artigos definidos .

Exemplo 1: (flexão verbal) “*O tio lobo comi as mandiocas*”. em vez da forma correcta em português *O tio lobo comeu as mandiocas.* ” A tradução para caboverdiano é *Ti(u) Lobu kume mandiokas.*

Exemplo 2: (falta de concordância em género) “Achou a mandioca tão gostoso.” em vez da forma correcta em português *Achou a mandioca tão gostosa.* ” A tradução para caboverdiano é *E’ atxa mandioka (ton gostozu) sabi.*

Exemplo 3: (falta de concordância em número) “*O sobrinho tinha dois corda”* como em caboverdiano *Xibinhu tinha dos kórda* em vez da forma correcta em português *O sobrinho tinha duas cordas.* ”

Exemplo 4: (falta de uso do artigo definido) “*O Sobrinho não deu corda...*” como em caboverdiano *Xibinhu ka da kórda...* em vez da forma correcta em português *O sobrinho não deu a corda...*

As interferências sintácticas são sobretudo de ordem estrutural, aplicando a estrutura da língua de origem na estrutura da língua alvo. Ocorrem ainda situações da falta de uso da preposição a e do uso incorrecto dos pronomes pessoais.

Exemplo 1: (estrutura da frase) “*O sobrinho disse lobo para amarar o macaco pé”.* como em caboverdiano *Xibinhu fla lobu pa mara makaku pé.* em vez da forma correcta em português *O lobo disse ao sobrinho para amarrar os pés do macaco.*

Exemplo 2: (falta de uso da preposição a) “*O sobrinho foi casa do lobo.*” como em caboverdiano *Xibinhu bai kasa di lobu.* em vez da forma correcta em português *O sobrinho foi a casa do lobo. Ou O sobrinho foi à casa do lobo.*

O facto de não haver no caboverdiano nem o artigo definido, nem a preposição *a* inibe também a realização da contracção da preposição *à*, pois não se pode contrair dois elementos que não existem.

Exemplo 3: (uso do pronome forma de complemento nas formas o, a, os, as, lhe e lhes) “*O sobrinho amarrou-lhe e deixou-lhe sozinho.*” em vez da forma correcta em português *O sobrinho amarrou-o e deixou-o sozinho.* (a tradução para caboverdiano é *Xibinhu mara-l y dexa-l el só.*)

“ *...o lobo por curiosidade perguntou-o onde ia* em vez da forma correcta em português *...o lobo por curiosidade perguntou-lhe onde ia.* ”.(a tradução para caboverdiano é *...lobu pa kuriosidadi purgunta-l undi ki e’ sa ta baba.*)

As interferências lexicais, caracterizam-se pelo empréstimo de formas ou palavras da língua de origem que são introduzidas na língua alvo por falta de domínio, desconhecimento ou insegurança em relação à língua alvo. Estes desvios podem ser corrigidos explicitamente numa aula , por exemplo , ou implicitamente em ambientes onde a língua é falada correctamente.

Exemplo 1: (empréstimo de léxico) “*O lobo marou o macaco e fluliou”.* Como em caboverdiano *Lobu mara makaku e’ fúlia.* em vez da forma correcta em português *O lobo amarrou o macaco e atirou-o.*

“*O figo cambou dentro da boca*”. como em caboverdiano *Figu kamba dentu-l boka.* em vez da forma correcta em português *O figo entrou dentro da boca.*

As interferências semânticas mais comuns são as frases idiomáticas, os falsos amigos, ou seja palavras que existem nas duas línguas, mas com significados diferentes, e as expressões cuja tradução das frases palavra a palavra conduz a uma perda do verdadeiro significado que tinha na língua de origem .

Exemplo 1: (frases idiomáticas) “*O lobo tem alma cansado.”* que em português pode ser entendido como “*O lobo está triste*” mas que na realidade em caboverdiano significa que *O lobo tem um desejo incontrolável ou exagerado de comer, e que só passará quando o concretizar.*

Exemplo 2: (falsos cognatos) “*O sobrinho rodjou a corda na porta do lobo.*” que em português significa *O sobrinho colocou a corda à volta da porta do lobo.* mas que em caboverdiano significa que *O sobrinho amontoou (acumulou) a corda (em frente) à porta do lobo.*

Exemplo 3: (tradução palavra a palavra) “*Quando ele viu a mandioca do sobrinho já deu flor...*” como em caboverdiano *Kantu e’ odja mandioka di Xibinho dja da flor...* em vez da forma correcta em português *Quando viu que a mandioca do sobrinho já estava florida...*”

As interferências dialectais são aquelas que ocorrem apenas em relação a determinada variante dialectal da língua de origem. No nosso caso, verificamos que algumas palavras foram usadas apenas por alunos de Santiago e outras que eram usadas apenas por alunos de São Vicente.

Exemplo 1: (Santiago) “*O lobo fuliou o macaco*”. em vez da forma correcta em português *O lobo atirou o macaco.”* a tradução para caboverdiano, variante dialectal de Santiago é *Lobu fúlia makaku.*

Exemplo 2: (São Vicente) “*O lobo remessou o macaco.*” em vez da forma correcta em português *O lobo arremessou (atirou) o macaco. .”* a tradução para caboverdiano, variante dialectal de São Vicente é *Lobe remesá makóke.*

O exemplo que se segue, não corresponde a uma interferência do caboverdiano no português. Na frase “*Ele lhe pediu um figo, ele lhe deu.*” cuja forma correcta seria *Ele pediu-lhe um figo, ele deu-lhe.* o pronome pessoal *lhe* precede o verbo e no

caboverdiano não há nenhuma situação em que o pronome pessoal complemento possa anteceder o verbo. Vejamos a tradução “*E’ pidi-l un figu, e’ da-l*”. Neste caso, a causa do erro pode estar na própria língua portuguesa que admite a colocação do pronome pessoal complemento tanto antes, como depois do verbo, conforme o tipo de oração.

No caso das frases negativas, interrogativas e relativas, por exemplo, a norma obriga à colocação do pronome pessoal complemento antes do verbo como nas frases que se seguem:

O macaco não lhe deu o figo. em caboverdiano *Makaku ka da-l figu* .

Quem lhe deu o figo? em caboverdiano *Kenha ki da-l figu?*

O macaco que lhe deu o figo, fugiu. em caboverdiano *Makaku ki da-l figu , fuxi*.

Pereira (2004:8) refere relativamente a exemplos semelhantes aos da frase “*Ele lhe pediu um figo, ele lhe deu.*” que “*há outras regras que o falante constrói, nestas etapas da interlíngua que em nada dependem do conhecimento da língua materna.*” e que, apenas os conhecedores das regras de funcionamento de ambas as línguas podem afirmar sem receios que estes erros não são motivados pela interferência da língua materna.

CONCLUSÃO

Dadas as limitações impostas relativamente às dimensões deste trabalho, não me é possível aprofundar mais os assuntos abordados, no entanto, julgo que esta breve abordagem gramatical permite conhecer alguns aspectos básicos do funcionamento da língua caboverdiana e as áreas sensíveis às interferências num processo de aquisição da língua portuguesa dos aprendentes que têm o caboverdiano como língua materna.

BIBLIOGRAFIA

(1967) *Crioulos*, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa.

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira (1961) *Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley (1990) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

LANG, Jugen (2002) *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, Tübingen, Alemanha, Gunter Narr Verlag Tübingen.

LEIRIA, Isabel (1996) "Aquisição de uma língua não materna. Um exemplo: o Aspecto Verbal", HUB FARIA, Isabel e outros, *Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 71-84.

MARQUES, Maria Emília Ricardo (2003) *Português, Língua Segunda*, Lisboa, Universidade Aberta.

MENDES, Mafalda, QUINT Nicolas, RAGAGELES, Fátima, SEMEDO, Aires (2002) *Dicionário Prático Português – Caboverdiano*, Lisboa, Verbalis.

MOTA, Maria Antónia (1996) "Línguas em Contacto", HUB FARIA, Isabel e outros, *Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, p.505-534.

PEREIRA, Dulce (2004) "Contacto de Línguas e aquisição de uma língua não materna" Projecto "Vamos conversar na escola – Nu ben papia na skola", Lisboa, Escola Superior de educação João de Deus.

PRATAS, Fernanda (2002) *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago) Questões de Gramática*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH – Universidade Nova de Lisboa.

QUINT-ABRIAL, Nicolas (1998) *Dicionário Caboverdiano (variante de Santiago)*, Lisboa, Verbalis.

SILVA, Baltazar Lopes (1984) *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional.

SILVA, Tomé Varela (1998) "Kiriolu: Spedju di nos alma", Revista Kultura n°2, Praia, INIC.

THOMSON, Sarah Grey, KAUFMAN, Terence (1991) *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*, Los Angeles / Oxford, University of California Press.

VEIGA, Manuel (1982) *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*, Praia, Institutu Kabuverdianu di Livru.

VEIGA, Manuel (1995), *Introdução à Gramática do Crioulo*, Mindelo, Instituto Caboverdiano do Livro.

VEIGA, Manuel (2000) *Le Créole du Cap-Vert – Étude grammaticale descriptive et contrastive*, Paris/Praia, Éditions Karthala/Instituto de Promoção Cultural.

VEIGA, Manuel (2002) *O Caboverdiano em 45 Lições*, Praia, INIC.

XAVIER, Maria Francisca, MATEUS, Maria Helena (org.) (1990) *Dicionário de Termos Linguísticos*, volume 1, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de linguística Teórica e Computacional, Lisboa, Edições Cosmos.

